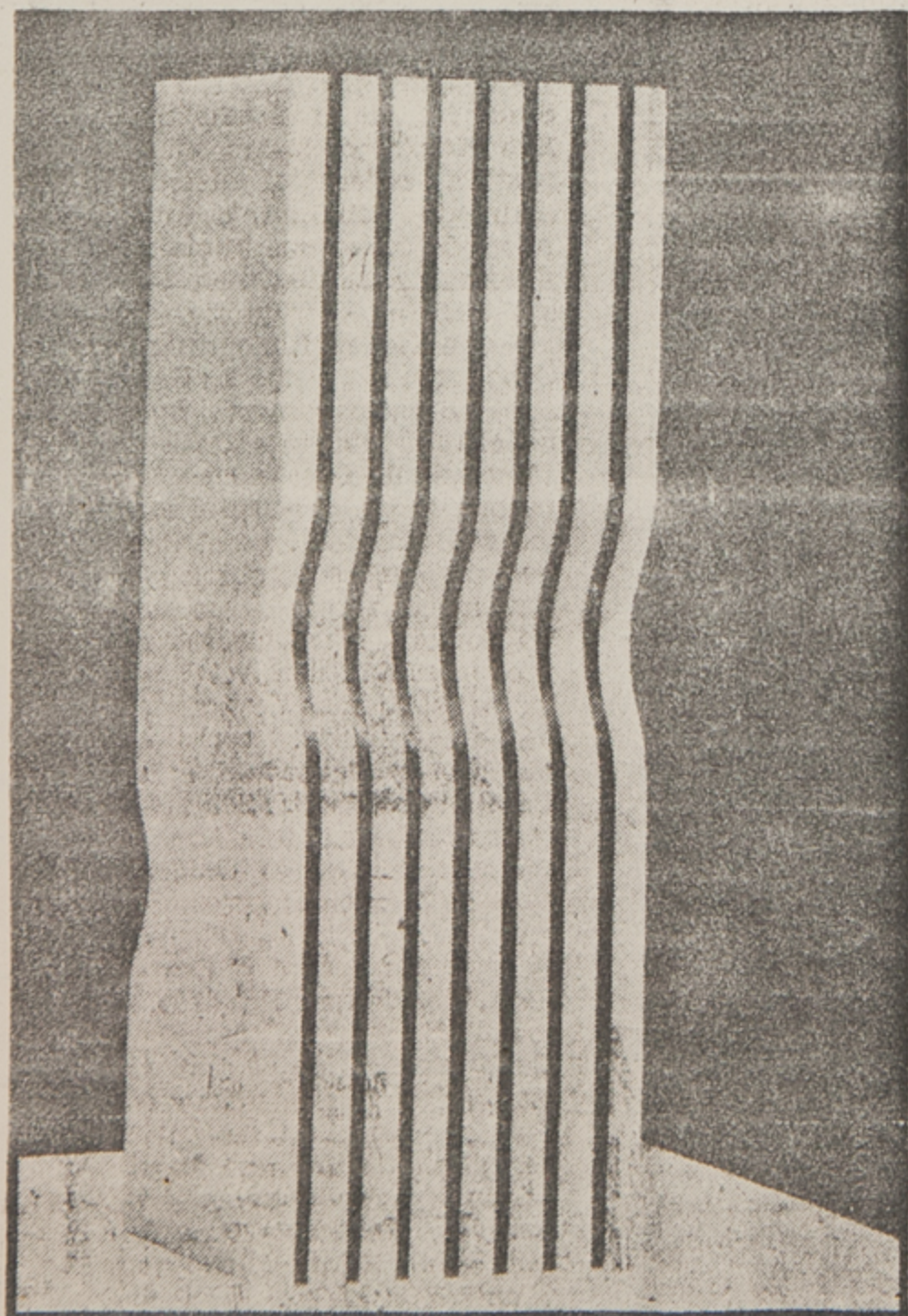


## ARTES PLÁSTICAS

ESMERALDO  
do Crato a Paris

Roberto Pontual

SÉRVULO ESMERALDO / Reflexos  
/ gravura a buril sobre cobre / 1965SÉRVULO ESMERALDO /  
Ondas / acrílico / 1974

**S**ERIA seguramente proveitoso proceder ao estudo de como, do fim da II Guerra Mundial para cá, alguns artistas brasileiros, vivendo na Europa ou nos EUA, tiveram pouco a pouco sua obra ali reconhecida. Tal estudo permitiria conhecer e comparar, em bloco, não só as razões que os levaram a afastar-se da terra de origem, voltando ou não a ela periodicamente, como também os modos pelos quais essa emergência no plano internacional se foi caracterizando. A verdade é que no período de 30 anos, desde 1945, após o restabelecimento do diálogo entre as nações, um número razoável de artistas plásticos nascidos no Brasil alcançou ou está alcançando lá fora a importância de um posto confirmado para o seu trabalho, de igual a igual com os artistas das diversas cidades que escolheram por nova residência.

Caso típico e pioneiro no período em causa foi o do pintor cearense Antonio Bandeira, que já em 1949 se ligava a Wols e Camille Bryen, no entusiasmo pela abstração informal, e cuja morte na capital francesa, em 1967, o encontrou com obra em boa acolhida local. Depois dele, receando omitir nomes nessa lista sumária de artistas brasileiros que optaram por uma realização fora dos nossos limites geográficos, e que certamente a obtiveram no respeito com que vêem sua obra sendo ali encarada, poderia citar Almir Mavignier, Mary Vieira, Sérgio Camargo, Arthur Luiz Piza, Lygia Clark, Roberto de Lamônica, Hélio Oiticica, Antonio Dias e Edival Ramosa. Ou mesmo Frans Krajcberg, que embora não nascido entre nós sempre afirmou ser brasileira a raiz (ironicamente, em duplo sentido, se pensarmos nas suas esculturas com formas vegetais de Minas ou do litoral baiano) de seu trabalho. A esses nomes quero agora acrescentar e comentar o de Sérgio Esmeraldo, cuja presença no ambiente artístico europeu está ganhando sensível importância.

Cearense como Bandeira, Esmeraldo nasceu no Crato, em 1929. Teve também, tanto quanto o referido pintor, um começo de carreira no seu Estado, inclusive combatendo ali em favor da renovação dos esquemas de produção e consumo da arte, e a sequência natural de atração pelo Sul, fixando-se no final da década de 50 em São Paulo. Mas, desde logo, não foi a pintura o meio que mais o interessou, e sim a gravura, inicialmente em madeira, com influência básica, naquele momento, de Goeldi. E apesar de sua vivência nordestina e da atenção que demonstrou conceder à gravura popular — é autor, por exemplo, do texto introdutório de uma edição francesa da *Via Sacra* de Mestre Noza, o velho gravador e escultor de Juazeiro do Norte — não demoraria muito tempo para que a gravura de Esmeraldo abandonasse toda intenção figurativa e se deslocasse no sentido de uma abstração simultaneamente vibrátil e contida. Isto se processaria lado

a lado com a sua ida para Paris, o aprendizado ali com Johnny Friedlaender e a troca da madeira pelo metal.

Assim, sempre em Paris, por toda a década de 60 ele estaria realizando uma gravura na qual, como disse José Roberto Teixeira Leite, em 1965, a cor era utilizada "com liberdade e fantasia, apelando para recursos de textura que se destinam a excitar o olho táctil, tudo sob uma trama de linhas e de massas sensíveis e expressivas". Foi com essa gravura, em exposições individuais e coletivas, que se deu o seu primeiro estágio de conquista do respeito internacional. Mais recentemente, de uns oito anos para cá, e sem abandonar a obra gravada, Sérgio passou a incorporar ao seu trabalho novas saídas. Atraído pelas pesquisas cinéticas, como diversos outros artistas latino-americanos vivendo em Paris, ele saltou do plano para o espaço, tanto com os seus *Excitáveis* — superfícies ainda destinadas à parede, porém acrescidas de filamentos móveis aproveitando o fenômeno físico de excitação da matéria — quanto com as suas refinadas e tranquilas esculturas em acrílico. A própria gravura refletiria essa nova vontade de conciliar rigor de construção com liberação lúdica, simplificando-se ao máximo para estimular o olho com a mais intensa das vibrações.

Com os trabalhos da última fase, em exposição lado a lado de artistas como Albers, Le Parc, Varsarely, Soto, Honegger, Munari, Morellet e Del Pezzo, cresceu o reconhecimento de Sérgio Esmeraldo no circuito internacional. Os ecos da exposição que realizou no ano passado em uma galeria paulista pouco chegaram ao Rio. Pensando em como seria oportuno ver sua obra bem exposta entre nós, transcrevo por enquanto o texto de sua autoria, que acompanha o catálogo da mostra *A Idéia e a Matéria*, vista em fins de 1974 na Galeria Denise René, de Paris. "As forças escondidas no seio da matéria aparentemente inerte, um pedaço de ebonite que se fricciona e que nos revela seu poder de atração, o prisma a desviar a luz, a lente que aumenta as imagens — eis coisas que sempre me impressionaram. Quando criança, fabricava com seus irmãos possantes lentes com velhas lâmpadas elétricas de seus filamentos e cheias de álcool. Com essas lupas improvisadas e a luz do Sol podíamos acender um fogo. Explicávamos, então: raios, fornalhas, etc. Ou me explicaram muito ou nada, pois esses fenômenos continuaram para mim com seus perfumes de mistério. Hoje ainda, quando uso ou transformo um pedaço de metal ou de qualquer outra matéria, não consigo deixar de sonhar com as forças invisíveis que, por minha intervenção, foram de alguma maneira certamente perturbadas. Isso talvez explique minha pesquisa atual, pois os *Excitáveis* lidam com a energia latente, a evidenciação desses dois fluidos imponderáveis, que tanto me interessam".